

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A relação textual e contextual da Literatura Infantil na realidade familiar da criança

Elisângela Gomes Antunes

511.2
A687n
C92569475
-ex 3

BIBLIOTECARCA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT	
RG N°	6289
Data	26 / 07 / 01

Pontes e Lacerda – MT, Julho de 2001

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A RELAÇÃO TEXTUAL E CONTEXTUAL DA LITERATURA INFANTIL NA REALIDADE FAMILIAR DA CRIANÇA

***Ensaio Monográfico Desenvolvido no Estágio
Supervisionado de Língua Portuguesa, Língua
Inglês e Literaturas no VIII Semestre do Curso de
Licenciatura Plena de Letras da UNEMAT –
Campus Universitário de Pontes e Lacerda, tendo
como Orientadora a professora Ediliane
Gonçalves.***

Agradeço a,

Deus, meu criador, pai e amigo fiel que permitiu o percorrer deste caminho, e fizeste de mim uma "heroína a percorrer o seu caminho"

(Salmos 19 : 5b)

"Bendito seja o Senhor, que dia-a-dia leva a nossa carga, o Deus que é a nossa vitória".

(Salmos 68 : 19)

Dedico

À minha mãe, uma mulher de suma importância, que instrui-me a viver todos os momentos da vida com disposição e garra buscando atingir sempre os ideais.

Aos meus irmãos e ao meu namorado que muito contribuíram ao proporcionar-me momentos de alegria e carinho em horas difíceis.

Aos professores e amigos que fizeram desta caminhada um período inesquecível de alegria e união.

“... mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei; tu, pois, que ensina a outro, não te ensinas a ti mesmo ? Tu que pregas que não se deve furta, furtas ?

... Temos diferentes dons, segundo a graça que nos é dada (...) se é ensinar haja dedicação ao ensino”.

(Romanos 2 : 20b – 21, 12 : 6a – 7b)

Sumário

I.	<i>Apresentação.....</i>	06
II.	<i>A Literatura Infantil no mundo social.....</i>	07
III.	<i>A relação textual e contextual da Literatura Infantil na realidade familiar da criança.....</i>	12
IV.	<i>Considerações finais.....</i>	21
V.	<i>Bibliografia.....</i>	22
VI.	<i>Anexos.....</i>	23

Apresentação

Neste trabalho temos o intuito de analisar a relação textual e contextual da Literatura Infantil na realidade familiar da criança, isto como um meio de formação comportamental dentro e fora da sala de aula. Temos também a intenção de verificar a visão e a criticidade dos alunos em conceituar família, a sua importância e a influência da mesma em suas vidas, respeitando o meio histórico, social, cultural, sentimental e ideológico.

Analisaremos tais visões através de desenhos e textos produzidos pelos educandos de uma I e II fase do II ciclo do corrente ano letivo (2001). Os textos foram escritos após trabalharmos as ilustrações e o texto com a obra literária infantil também aqui em análise “SE AS COISAS FOSSEM MÃES”, da autora Sylvia Orthof, que apresenta uma versão real bem presente nas salas de aula, ou seja, a diversificação na formação familiar e qual o papel a ser exercido pela mãe e/ou outros membros da família.

A escolha deste tema ocorreu pela importância e necessidade em que nós, educadores, devemos ter de uma relação mais recíproca com nossos educandos durante as horas de trabalho, a fim de descobrirmos causas de várias dificuldades expostas no processo aprendizagem e também às questões de relacionamentos em sala de aula, que muitas vezes tem sido uma extensão de seu meio familiar como tem previsto a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, onde leva se em conta a realidade de alunos e famílias na busca do aperfeiçoamento do processo ensino / aprendizagem da formação de cidadãos ativos na sociedade.

A Literatura Infantil no mundo social

A partir do pressuposto de que *o comportamento do ser humano depende dos padrões que lhes foram oferecidos (...) O homem compõe ao longo do desenvolvimento, seu mundo e seu padrão comportamental*, como tem colocado Cademartori (1994 : 22), podemos compreender que há uma forma revelada da criação e formação da personalidade, desde a infância, na qual dá-se início no íntimo da criança sob influências ideológicas. Influências estas, que segundo Marilena Chauí indicam e conduzem os membros da sociedade ao que devem e como devem pensar, valorizar, sentir, fazer e dizer, e que ao mesmo tempo dá lhes explicações racionais das diferenças sociais, políticas e culturais sem atribuir tudo isso à divisão da sociedade em classes diferentes, colocando aparentemente tudo em um mesmo patamar, efeito esse mantido pela classe social dominadora.

O diálogo, a liberdade e o respeito à criança são condições favoráveis de se estabelecer a interação desta ao mundo social, considerando-a como um ser em descoberta, com seus posicionamentos a partir da sua leitura de mundo e do seu lugar histórico, tornando-se um cidadão crítico e ativo, que apresentará reflexos ideológicos adquiridos no dia-a-dia no que e do que lê e escreve.

Esta leitura que proporcionará a criticidade ao leitor deve ir além da decodificação de informações, deve necessariamente envolver constatação, reflexão e transformação de significados atribuídos como afirma Khéde (1986). Tendo tais características, a leitura exercerá uma função ativadora e dinâmica, a qual não lhe permitirá a indiferença frente a seus efeitos, onde a literatura resume por meio da ficção uma realidade que abrange pontos de ligação com o que o leitor vivencia diariamente, havendo portanto relação entre a significação e a situação atual e histórica do mesmo, como tem colocado Zilberman (1994 : 23), que é *desta coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário que emerge a relação entre a obra e o leitor*.

No momento em que, individualmente, o leitor compreende em sua totalidade a recriação do real em sua leitura e desenvolve a criticidade à vida exterior, é que daí se pode chamá-lo de leitor crítico. É preciso considerar que, tal importância do ato de ler e escrever na formação e desenvolvimento deste leitor crítico, é necessário observarmos que:

A principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo (...) pressupõe que sua linguagem, seus temas e ponto de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe, a priori, o que interessa

a esse público específico (...) narrador e poeta (...) manifesta um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo.
(Cademartori – 1994 : 8, 22, 23)

Esse adjetivo tem sido motivo de grandes preocupações, pois a literatura infantil não é tão inocente quanto pensamos, há quem a utilize para fins próprios, isto é, tem feito desta um meio de comunicação para recriar o mundo sob uma dada ótica, que depende exclusivamente de seus próprios objetivos, crenças, convicções, propósitos e valores. O que direta ou indiretamente influenciam no conhecimento de mundo da criança em diferentes ângulos da literatura, ou seja, a literatura infantil se faz presente, inicialmente, por meio da audição, quando se ouve histórias narradas pelos adultos, que já podem estar ou não acompanhadas pela leitura visual/ilustrativa, e por último a forma escrita, que une a criança à obra literária, e que só lhe é proporcionada após freqüentar a escola, e assim terá acesso as diversas modalidades culturais.

E ao habituar-se às leituras a criança/leitor | passará a escrever melhor e a dispor de um relatório mais amplo de informações, tornando-se autônoma, quando passa a ter e defender sua própria visão/opinião e formular critérios próprios. Partindo dessa fonte de conhecimento e preocupação, faz se necessário conhecer a história e/ou as diferentes fases da Literatura Infantil, que tem muito mais de adulto do que de criança, conforme a seguinte citação de Todorov. :

Para aqueles que admitem as características formalizadoras do gênero, é necessário considerar os elementos justificadores da tese : em sua existência histórica eles formalizam um sistema próprio a cada época. Na sua emergência classificatória codificam as propriedades discursivas tornando se um padrão institucionalizado tanto para escritores como para leitores. Desse modo, os gêneros evidenciarão sempre os traços constitutivos da sociedade da qual fazem parte e apontarão para as ideologias provenientes dos conflitos históricos.

(Khéde – 1986 : 9)

A princípio a literatura infantil não apresentava um tempo diferente e nem mesmo um espaço separado para as crianças, isto é, todos utilizavam do mesmo nível de leitura e compartilhavam dos mesmos eventos, embora não houvesse se quer um laço amoroso de aproximação de tais indivíduos .Situação esta modificada e influenciada por um fator extremamente social, a decadência do feudalismo - sistema de governo onde todos deviam fidelidade e serviços aos seus senhores – que ocasionou num novo conceito familiar estimulado e apoiado ideologicamente pelo Estado e pela sociedade burguesa , que passou a ver a família como uma

estrutura unifamiliar privada, visando um relacionamento voltado à preservação dos filhos e do afeto interno e sua intimidade.

É a partir desta nova necessidade social que se destaca a literatura infantil e a escola, sendo ambas criadas para o desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções, e como uma nova aplicação em prol da melhoria da educação brasileira.

Com este novo instrumento de trabalho, a escola passa a ser o local privilegiado e o mais indicado para desenvolver nas crianças o gosto pela leitura, como também, setor do intercâmbio cultural literário, com a preocupação de formar gerações aptas para um pensamento crítico e superar limites de experiências já adquiridas, o que só poderá ser alcançado quando a criança mantiver o convívio direto com a literatura infantil.

É a partir , dessas leituras que a criança / leitor crítico interpreta a fundo e descobre os conflitos que o texto, numa leitura ingênua e superficial encobre, tais e em situações em que só há lugar para a voz do narrador ou surge pequenos espaços em que, ocorre disputa de força e poder entre o narrador e o leitor.

Em conformidade com o crescimento crítico do pequeno leitor, a literatura infantil precisa questionar o que acontece e como acontece no dia - a - dia impulsionando-o a uma postura crítica diante da realidade e ao mesmo tempo desenvolver o gosto pela leitura. Tais funções objetivas, dão-se por não existir limites de expressão na literatura infantil, o que segundo Zilberman (1994 : 80)

Com este recurso, amplia-se o espaço de representação literária, aparecendo, além de setores sociais inéditos, cenários até então ausentes, como a favela ou o subúrbio, e relações humanas conflitantes: entre filhos e pais, ou entre grupos antagônicos (...), abstendo-se o narrador de uma interferência que auxilie a decodificação da mensagem.

A aproximação do texto com a realidade cotidiana é dada através do tema do texto, sendo este atualizado no plano existencial e social, do mundo interior da criança, e pela configuração das personagens, as quais são comuns no dia-a-dia da criança / leitor tais como os professores, crianças, parentes, delegados.

É seguindo esta ótica que a própria literatura infantil modificará a relação leitor / literatura e leitor / realidade ao conduzi-lo à visão real de como tudo se reflete no cotidiano de cada um, família e sociedade.

Tendo, o leitor, a criticidade já formada, ele fará uso de toda e qualquer particularidade do objeto-livro lido, seja em um questionamento e, discussão individual ou em grupo, buscando entender o porquê e a significação de cada detalhe que compõe e completa a mensagem transmitida por este, ao observar a relação interativa deste conjunto comunicativo, que está composto de duas partes, a primeira voltada ao texto, a sua história, o ritmo, as personagens e a organização do enredo (começo, meio, fim), enquanto que a segunda refere-se às suas características “físicas”, como a capa e sua encadernação, o tipo e o tamanho das letras, a paginação, o seu formato, as cores e as ilustrações. E fazendo considerações críticas dessas particularidades do objeto-livro que seguiremos com a análise da obra infantil “Se as coisas fossem mães”, de Sylvia Orthof e desenhos e textos produzidos por alunos.

A relação textual e contextual dentro da realidade familiar das crianças

A obra literária infantil em análise “Se as coisas fossem mães”, da autora Sylvia Orthof, revela as diversas formas e modos de agir dos múltiplos tipos de mães existentes em nossa sociedade e no mundo imaginário.

Sylvia Orthof trabalha a ilustração de suas personagens como realmente são, sem passar preconceitos, cada uma delas com o seu próprio estilo, mesmo que tenham algo em comum, o que é comprovado e encontrado pela criança quando observa seu mundo e as diferenças que há em uma mesma pessoa, o que está em conformidade com a citação de Abramovich (1997 : 41).

É só olhar para o lado e ver que podemos ser um pouco de tudo, como pessoas contraditórias que somos, conforme a visão que tenhamos de nós mesmos, do outro e do mundo, a cada etapa de nosso crescimento pessoal, a cada contato humano, a cada situação vivida ou evitada.

“Se as coisas fossem mães”, é mais um pacote de humor e inteligência preparado por Sylvia, contém uma história curta em que usa com leveza o verso, a rima, o ritmo e a cadência das frases, fazendo com que tudo ganhe vida, o que são adquiridos e trabalhados pela autora na sua quebra de expectativas, de esteriótipos, de formas outras de perceber tudo, e na sua inesgotável imaginação como afirma Abramovich (1997 : 59).

O humor de Sylvia é inesgotável!!! Sua cabeça livre, sem preconceitos, sem viseiras, faz com que tudo ganhe vida, com que tudo ande fora dos trilhos, para descobrir caminhos pôr onde passam os trens ... Uma autora que conhece nonsense, que se diverte, que cria, que escreve – e até ilustra –, que faz com que cada novo livro seu seja saudado como um acontecimento: porque vem coisa boa, divertida, instigante, cutucante... Otimérrima!!!

É através desta visão que Sylvia conduz o leitor às novas formas de perceber o que já existe e sabe, e ainda, rever suas posições e conceitos de viver e olhar o mundo. E como sua história tem mais ilustrações do que texto, proporciona a criticidade aos pequeninos leitores, pois prende os mesmos numa experiência de olhar múltiplo, afinal existirá o ver da autora e o do leitor visual, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo.

E mais, o leitor visual poderá criar uma história a partir das cenas apresentadas acrescentando-lhes ainda sonorizações (musicais e/ou onomatopéicas).

Para esta autora os versos pequenos, simples, suavizados ainda mais pelo ritmo, rima e cadência, são usados em um primeiro momento para estimular a criatividade e a imaginação do leitor. Usando o verbo ser sempre no pretérito imperfeito do subjuntivo – se fosse – , e seres existentes no real e no imaginário (chaleira, mesa, sereia, fada), todos bem humorizados, ora no plural ora no diminutivo, tendo como seu objeto de inspiração, a personagem mãe, continuamente enfatizada. O que leva o leitor a imaginar as múltiplas situações, e como poderiam ser e em qual ordem poderiam acontecer, visto a ausência de paginação, em que há uma relação íntima das personagens entre si, que aparecem a sós com sua família em seu próprio habitat e juntas em outra, isto é, os tons suaves e aconchegantes caracterizadores de cada página/personagem, em uma ilustração de forte expressão, onde estas se misturam num mesmo ambiente de forma criativa e envolvente de apresentar a amizade, relação esta que todos nós queremos ter.

*Se a casa fosse mãe, seria a mãe das janelas,
conversaria com a lua sobre as crianças estrelas,
falaria de receitas, pastéis de vento, quindins,
emprestaria a cozinha pra lua fazer pudins!*

(Orthof – 1984)

É neste propósito único de revermos o já conhecido, que esta autora trabalha toda a sua compreensão do que é ser mãe e como esta pode ser e o que ela faz. Tal revelação é facilmente notada antes mesmo de abrirmos o livro, a ilustração da capa é demonstração de toda a sua obra, pois seu título, “Se as fossem mães”, está impresso em letras que se diferenciam no tamanho e no formato dentro de um singelo objeto, que representa a vida e o sentimento mais profundo que o ser humano precisa para viver bem, um porta-retrato em forma de notável coração, nos trazendo à memória que não há um tipo único de mãe, embora só tenhamos uma.

Tal objeto representável tem como companhia algo único e inigualável, o arco – íris, que também nos transmite uma mensagem de aliança familiar, ou seja, é a representação bíblica da aliança de Deus pai com o homem, e que se relacionarmos este objeto à mãe, constataremos que esta também tem as mesmas características. Assim como a capa, é a dedicatória toda voltada a essa pessoa tão especial.

*Dedico este livro à ...mãe dos meus netos, ...à Trude minha mãe".
(Orthof - 1984)*

Sylvia Orthof aproveita todos os espaços para falar de sua personagem querida, usa até mesmo a contra – capa para falar de si mesma, de seu jeito de ser mãe e de ver em tudo um pouco desta pessoa, e ainda finaliza com uma fala muito familiar para todo leitor.

Livro é filho, nasce, a gente cuida de seu crescimento ... às vezes queremos concertar o livro, mas, aí, o danado não deixa, já criou a sua independência e foge ... fico aqui, de longe, torcendo por ele. Tomara que ele saiba viver a sua existência de livro ... Tem cada estante perigosa ... vai com Deus ... meu filho ... e juízo!

(Orthof – 1984)

A situação acima é bem real, pois sabemos que esse é um comportamento de todas as mães mesmo que a situação seja inversa, isto é, quando ela sai de sua casa e deixa seu filho aos cuidados de outra pessoa ou até de si mesmo, ou no momento em que ele deixa seu lar para começar uma vida de responsabilidade e diversão.

A doçura dos versos e as ilustrações estão em perfeita consonância, trazem a mesma mensagem de forma cada vez mais gradativa para o real. As primeiras páginas estão voltadas para o mundo imaginário, como poderia ser cada mãe – fantástica (sereia, fada, bruxa, lua), depois expressa nas mães – objetos (chaleira, mesa, casa), e algumas das atividades realizadas por elas no cotidiano, e por último a mãe – real, aquela que veio caracterizada fisicamente diferente em fotos, que estão também relacionados à diversidade dos formatos de cada porta – retrato que faz uma relação/representação de cada mãe.

É reservado um desses objetos em conjunto com um espaço reservado o qual a autora usa como mais um vínculo com o mesmo, para que ele possa colar uma foto e escrever o nome de sua mãe, ou da pessoa que lhe cria. É exatamente a partir destas últimas ilustrações que a obra literária infantil em questão, retrata a vida atual de muitas crianças e da composição de membros de sua família.

*Cada mãe é como eu disse:
Mãe verdadeira, ou postiça,
Mãe vovó e mãe titia,*

*Maria, Filó, Francisca,
Gertrudes, Malvina, Alice
Toda mãe é como eu disse.*

(Orthof - 1994)

A variação típica e comportamental de mãe, nesta obra, faz revelações das contradições desse sistema burguês que falam de famílias idealizadas que não se abalam com e/ou por fatores sociais e nem familiares, como critica Abramovich (1997 : 104) ao referir-se a esta visão torpe que apresentamos; *onde o que ocorre no mundo não afeta a sólida estrutura familiar ... e nem mesmo o que acontece dentro das paredes do lar as afeta ou modifica em algo.*

É essa máscara que Sylvia Orthof tira, mostrando-nos que mãe, não é, e nunca poderá ser estereotipada como: uma pessoa que só cozinhe. Contrapor-se a esta falsa realidade, a autora apresenta ao leitor a multifária de sua personagem – mãe, que surgem em diferentes situações e classes sociais por serem atingidas e até mesmo moldadas pela ideologia social como temos visto em nosso cotidiano familiar/social, e uma das causas que mais tem contribuído para essa diversificação chama-se separação (divórcio). Com uma linguagem clara é que esta autora consegue tratar essa realidade, pai e mãe já não moram mais juntos, cada qual constitui uma nova família, surgindo então uma nova mãe no âmbito familiar da criança.

Dissemelhante as literaturas de “época”, é que Sylvia Orthof faz desta sua obra, uma divertida maneira de revermos os conceitos de todas as tarefas atribuídas às mães. Suas ilustrações e seus versos trazem consigo mais características do mundo real da personagem em questão. Tais artifícios apontam os diversos e enlouquecedores compromissos do cotidiano, que vão desde os pagamentos, visitas, compras, educação de filhos, tarefas domésticas e datas, o que fazem da vida de todos um corre-corre constante, mas que também estão incluídos desde a infância, porém, outros como a escola, os amigos e ... tarefas doméstica.

*Dona mamãe ralha e beija,
Erra, acerta, arruma a mesa,
Cozinha, escreve, trabalha fora,
Ri, esquece, lembra e chora,
Traz remédio e sobremesa ...*

(Orthof – 1984)

Em conformidade com esta realidade exposta por Sylvia, é que Abramovich (1997 : 107) coloca que, *esse tipo de mulher existe e é bom que surja nos livros, não - idealizadas, não - santificada, não - dependente ou incapaz de tomar uma decisão (e das mais mexentes! E sendo muito pressionada).*

Assim também aconteceu com o pai, aquele que detinha o monopólio do poder e da verdade da casa, Sylvia lembra uma versão materna bem diferente, mas real em nossos dias, embora ainda não tenha tanta aceitação e/ou assumir do papel, que surgiu na modificação da familiar que tem ocorrido frequentemente devido às separações dos pais e questões financeiras.

Tem até pai que é tipo mãe ... esse, então, é uma beleza!

(Orthof - 1984)

E dessa forma, no abolir das distinções sociais e introdução das figuras provenientes das camadas inferiores é que Sylvia Orthof, nitidamente traz nesta obra modificações sociais já citadas acima que ocorrem coletivamente, e não somente no particular no decorrer do tempo e das alterações sofridas pelas classes sociais, o que segundo Zilberman (1994 : 20) *produz determinado questionamento do poder e propõe se sua modificação. Pois trata o "lado pobre" da sociedade seja em termos sociais (diferenças raciais e conflitos de classe), ou existenciais, na apresentação de problemas familiares (falta de dinheiro, dos pais, e a morte)*

Com cores alegres e muito humor, a obra "Se as coisas fossem mães", leva o leitor, em uma leitura compreensiva e informativa a questionar a presença de mães postizas (madrasta), e a grande ausência da mãe verdadeira nos contos de fada, o que foi modificada na literatura quando fora conceituado a nova ideologia familiar, que passou a ver a criança como uma descoberta, a qual se tornou-o centro de interesse e atenção da célula unifamiliar burguesa . Surgindo daí, a divisão de papéis: a mãe tornou-se responsável a tudo que se refere ao lar, a casa e aos filhos, e o pai assume somente o trabalho (fonte de renda familiar).

Em vista disto, Edward Shorter descreve perfeitamente a imposição de tarefas e deveres que a sociedade encarrega às mães:

O relacionamento mãe- filho. Embora um afeto residual entre mãe e filho - produto de uma ligação biológica - sempre tenha existido, houve uma mudança na

prioridade que o infante veio a ocupar na hierarquia racional de valores da mãe. Enquanto que, na sociedade tradicional, a mãe era preparada para colocar muitas considerações – a maioria delas relacionadas à luta desesperada pelas existências – acima do bem estar da criança na sociedade moderna, o infante tornou-se o mais importante; o amor maternal providencia para que seu bem estar esteja acima de qualquer outra coisa.

(Zilberman – 1994 : 15)

Considerando tais funções já citadas e muitas outras exercidas pela mãe, as ilustrações desta obra são esplêndidas. Nos traz a versão da mãe moderna, aquela que trabalha fora, mas cuida de seu filho e ao mesmo tempo nos apresenta uma mãe inexistente até então, mas com todas as qualidades maternas e suas esquisitices humoradas.

Se uma bruxa fosse mãe,
Seria mamãe gozada:
Seria a mãe das vassouras, da Família Vassourada.

(Orthof - 1984)

Esta mãe vem apresentada de forma bem diferente das demais histórias, cuida, dá carinho, conta histórias e ainda pega seus filhos no colo, seus óculos lhe dão um novo visual embora sua aparência esteja um pouco feia, mas não deformação, e ainda conhece outros saberes.

Assim como a mãe bruxa, a lua, a sereia, a terra, a fada estão felizes e bem juntas a seus filhos em um ambiente harmonioso, aconchegante, tranquilos e perfeitos como nossa imaginação (sonhos de uma vida melhor).

Já as mães humanas cada qual no seu porta – retrato ou ambiente, estão sozinhas e com semblantes, características físicas, classe social, faixa etária diferenciados, mas todas com um sorriso único e bem arrumadas, com exceção da mãe – pai que tem todo um aspecto cansado e solitário, acompanhado por um simples pijama. Esta é uma cena muito real, aquele que trabalha fora e não tem tempo para compartilhar os sentimentos ansiados pelas crianças. Embora tão reais, tais ilustrações não trazem a maneira das personagens agirem e sentirem, isto é, deixa espaço livre para a criança/leitor refletir sobre sua condição pessoal sem a influência da autora.

Considerando a reflexão do leitor, partiremos agora, para a análise de textos e gravuras produzidos pelos alunos da I e II fase do II ciclo do corrente ano letivo após os educadores

trabalharemos a obra infantil “Se as coisas fossem mães”, tomando por base a teoria de Florence de Mèredieu .

É em conformidade com a obra literária infantil em questão, que os desenhos de numeração (1, 2, 3 e 4), que seguem anexos, produzidos pelos alunos nos revelam a realidade familiar vivida por eles, ou seja, uma família tradicional.

Essa família tradicional , colocada pelos alunos, está relacionada à mãe verdadeira, aquela que desde tempos atrás exerce funções voltadas ao afeto, à educação dos filhos e aos deveres domésticos, e que mora com seu legítimo esposo, o qual tem como preocupação única o sustento da casa. Tal família não tem membros “desconhecidos”, isto é, todos os filhos têm o mesmo pai e a mesma mãe, caracterizados tanto por Sylvia Orthof quanto pelos alunos como verdadeiros, cada qual com seu valor próprio.

Nas figuras (1 e 3), os alunos descrevem suas famílias com simplicidade, todos os membros se parecem fisicamente e ao mesmo tempo demonstram ser felizes juntos em todos os momentos, tendo todos valores iguais, ninguém é superior. Embora pai e mãe exerçam funções diferentes, ambos têm a mesma importância afetiva no lar.

Estes alunos estão sempre de bem com a vida, não possuem comportamentos que se alteram com o tempo, são alunos críticos, enquanto estudantes, mas passivos e bem amorosos nos relacionamentos, o que nos parece ser uma continuação daquilo que vivem e presenciam em seus lares, visto que ambos possuem um conceito bíblico como sustentação familiar.

Já no desenho (4), a mãe ocupa uma posição diferenciada dentro do lar, tanto física quanto afetiva, como pode ser claramente observado pela grande diferença de estatura exposta, sendo esta a fonte de inspiração desta criança. A descrição do pai é dada pelo fato de que o mesmo não mimar esta criança tanto quanto a mãe e a avó, com as quais fica a maior parte do tempo.

Sabemos que nem tudo é perfeito, nem mesmo no mundo da fantasia, fato este facilmente observado na figura (2), em que a criança mesmo sabendo que sua família é verdadeira, ela consegue posicionar – se no mundo real, enxerga qualidades positivas e negativas no pai e na mãe, mas isso não a faz vê – los diferenciados.

A referida criança da figura (2), coloca – se como o centro das atenções, pois a mesma descreve – se de forma bem diferenciada dos demais membros. Ela é a única personagem de seu desenho que não possui braços, como se fosse incapaz de realizar algo sozinha, sendo totalmente dependente e até mesmo menor que seu irmão caçula, o que ocorre principalmente por não

concordar em ter características físicas distintas de seu único irmão e de seus pais (morenos), e possuir os traços típicos de sua avó (olhos, pele e cabelos claros), como está exposto na sua representação familiar.

Nas produções (6 e 7), vemos a realidade de crianças criadas pela mãe vovó e também os múltiplos motivos para esta verdade vivida por várias crianças, as gravuras mostram que o referencial de idéias produzidas estão voltadas para a realidade que vivem.

No entanto, a criança do desenho (7), fora abandonada por sua mãe, que não se importa com ela, enquanto filha, e por isso ficou aos cuidados da avó paterna, de quem gosta muito, mas socialmente esta criança tem comportamento de inferioridade, isto continuamente, pois não estabelece vínculos de amizade e confiança com colegas.

Tal criança, na construção de sua gravura organiza e posiciona – se de forma coerente, mesmo que sua escrita seja igual à fala, o que reflete a formação discursiva do meio em que vive e de seu conhecimento de mundo e, o mais importante é que esta criança não sente – se inibida ou constrangida na sua criação artística, pois não oculta a ausência do pai verdadeiro e nada menciona sobre o avô.

Já na produção (6), a aluna foi deixada com a avó paterna e o relacionamento entre mãe vovó e neta – filha é conflituoso, principalmente em questões referentes à mãe verdadeira, mesmo que esta lhe faça visitas surpresas, isto com grande intervalos, e ainda tenta recompensar a sua ausência com presentes e o pior, alimenta a fantasia desta criança de levá – lá um dia para morarem juntas. Percebemos dia – a – dia que o caráter desta criança é desequilibrado, na maioria das vezes não faz uso da verdade ao relatar algo. Cremos que isso ocorra porque no ambiente familiar em que está inserida já presenciou violência, perda de entes querido (pai verdadeiro), gravidez indesejável e oculta, e diferentes conceitos religiosos. Comprova – se com tais relações que o meio influencia, mesmo que ela ame sua mãe vovó, não consegue expressar e demonstrar seus sentimentos, usando sempre de ismotação.

Hoje, nas escolas e meios de comunicação, vemos frequentemente que as mensagens e imagens mostram as necessidades básicas para se ter uma família feliz, com segurança física e emocional, longe das drogas e bebidas. Tais necessidades refletem na vida infantil, como observamos na figura (5).

Através deste desenho observamos uma criança assustada e angustiada com a realidade que vivemos, a qual expressa o que é ser uma família verdadeira, sempre unida, que não se envolve com o que pode prejudicar alguém, como as drogas, embora tema os fatos reais.

Por existir expressões do seu mundo, nos desenhos e gravuras simples de punho infantil é que Klein, in Mèredieu – 1974 : 61 afirma que *esconde – se uma atividade inconsciente muito mais profunda: trata – se da procriação e da produção no inconsciente do objeto representado.*

Creemos que se considerarmos o inconsciente da criança, caminharemos para outra realidade infantil bem atual. Assim como existe mãe verdadeira, mãe vovó, mãe titia, mãe ausente, temos que reconhecer também a mãe – pai, onde o pai ocupa o lugar da mãe, figura esta apresentada num mesmo patamar nos textos (8, 9 e 10), em que as crianças expressam a visão imaginária de como poderia ser esta moderna versão de mãe.

No texto (8), a criança expõe sua necessidade de fazer algo ou tudo que deseja, porém o pai lhe protege tanto que essa excessiva proteção a incomoda, a ponto de desejar que o mãe– pai fosse uma cadeira, a qual não poderia andar e nem falar, o que lhe proporcionaria liberdade.

Alem da liberdade* , toda criança precisa carinho, afeto e amor em tempo integral, o que é difícil ser realizado pela mãe – pai, pois trabalha fora, e em seus momentos em família esta tão cansado que acaba não demonstrando tais sentimentos tão essenciais. A ausência desse lado materno no pai que é tipo mãe, não é aceita pela criança, ela não compreende e cobra o que gostaria de ter através da sua farta imaginação e fantasia, como notamos também na produção textual (9).

A cobrança de afeto também acontece no texto (10), em que todo amor e carinho são tão necessários que até as crianças que possuem a mãe verdadeira e o pai juntos, cobram tais laços afetivos e intimidade, que ainda não existem.

É importante ressaltar que para as interpretações feitas foi necessário considerar a vivência de quem produziu os textos verbais e ilustrativos. Observamos também os relatos das crianças, fato este que não nos foi difícil, uma vez que estes são alunos das turmas que trabalhamos.

• Liberdade aqui entendida no sentido de não opressão

Considerações finais

Tudo o que a criança produz faz parte do seu mundo com sentidos claros ou ocultos, pois a liberdade que damos para reproduzir sua história nos faz entender e refletir sobre o que conhecemos até o presente momento, mesmo que seja sobre um assunto tão polêmico e fantástico como o ser – MÃE.

Constatamos, que a relação textual e contextual da Literatura Infantil na realidade familiar da criança não faz com que esses seres pequeninos, porém grandiosos na percepção fujam da realidade ou aculitem a verdade por mais dolorosas que sejam. Afinal, todos nós desejamos ter uma família completa e verdadeira (mãe, pai e irmãos), na vida real, contudo a realidade nos retrata seres indiferentes às revoluções ocorridas na questão familiar.

As dificuldades familiares apresentadas pelos alunos, expressas primeiramente por diálogos em sala de aula, proporcionaram a completude desse trabalho, o que se contrapôs ao tempo e pequenas dificuldades em encontrar apoio teórico para a realização da análise apresentada,

Considerar a sociedade e suas transformações condicionadas ao tempo, notamos que podemos fazer sempre uma nova leitura, pois há ambigüidade nos sentidos dos fatos. Portanto, deixamos ainda ao leitor uma outra possível leitura de todo esse trabalho, ou seja, dos textos e ilustrações, dos alunos e da obra literária infantil “Se as coisas fossem mães”, que seguem anexos.

Bibliografia

ORTHOF. Sylvia. "Se as coisas fossem mães". Ed. Nova Fronteira, 27ª edição, Rio de Janeiro - RJ.

ARRANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. "Filosofando: introdução à filosofia". Ed. Moderna, 2ª edição, 1993.

KHÉDE. Sônia Salomão, "Literatura Infantil Juvenil: um gênero polêmico". Ed. Mercado aberto (Novas Perspectiva), 2ª edição, Porto Alegre – RS, 1986.

ZILBERMAN. Regina, "A Literatura Infantil na Escola". Ed. Global, 9ª edição, São Paulo – SP, 1994.

CADEMARTORI. Lígia, "O que é Literatura Infantil", Coleção Primeiros Passos.

ABRAMOVICH. Fanny, "Literatura Infantil : Gostosuras e bobices", Ed. Scipione, 5ª edição, São Paulo, 1997.

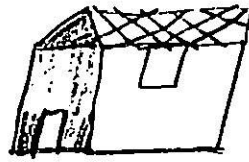
MÈREDIEU. Florence de, "O desenho Infantil", Ed. Cultrix, São Paulo – SP, 1974.

Anexos

Figura 1

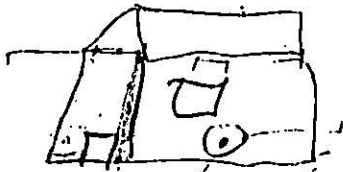


ma vida era



Eu trabalhava

na construção e na venda de



na vida verdadeira
trabalhava e
estudante

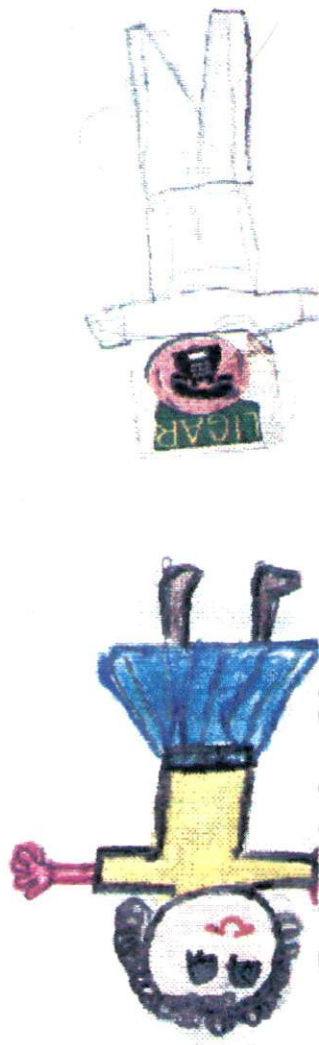


na vida verdadeira

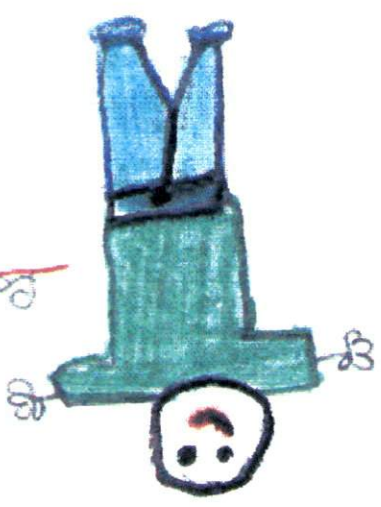
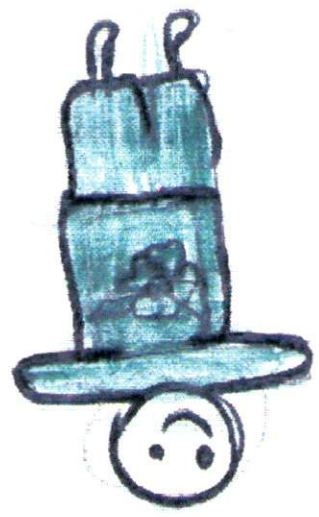


Eu sou verdadeiro
feliz

figura 2



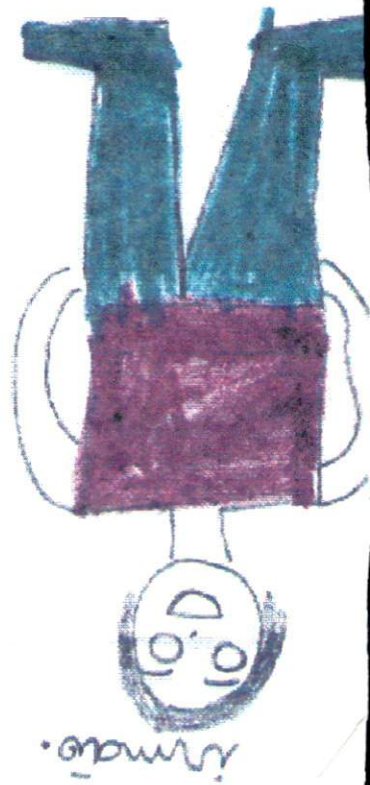
~~mas orelheira~~



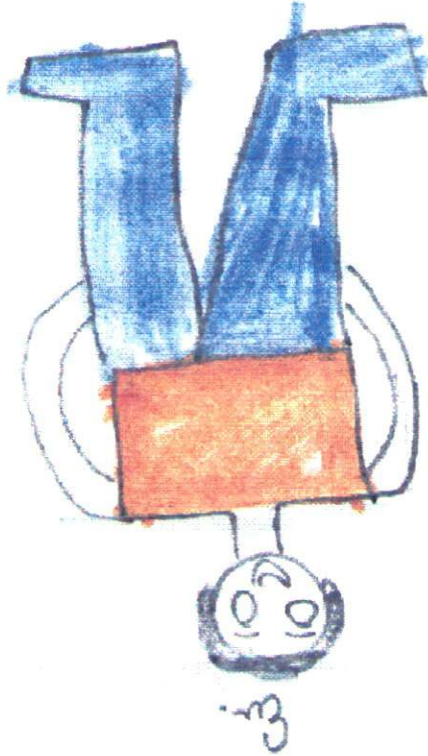
~~com orelheira~~

A minha mãe é 'Trabalhadora'.
O meu pai também é 'Trabalhadora'.
Ele também foi caia que eu não
gosto que ele seja porque ele fica doente e exige
muito mais. Também foi caia que
eu não gosto. fim

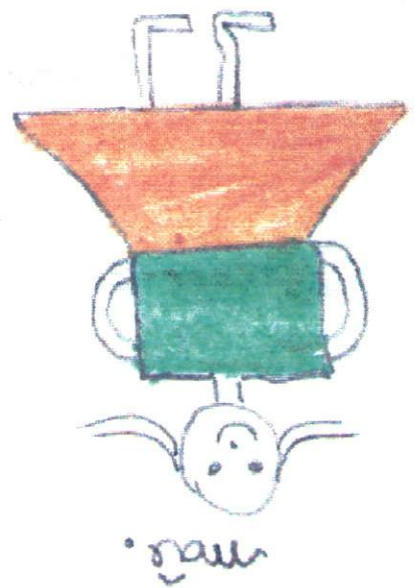
Vandadeine



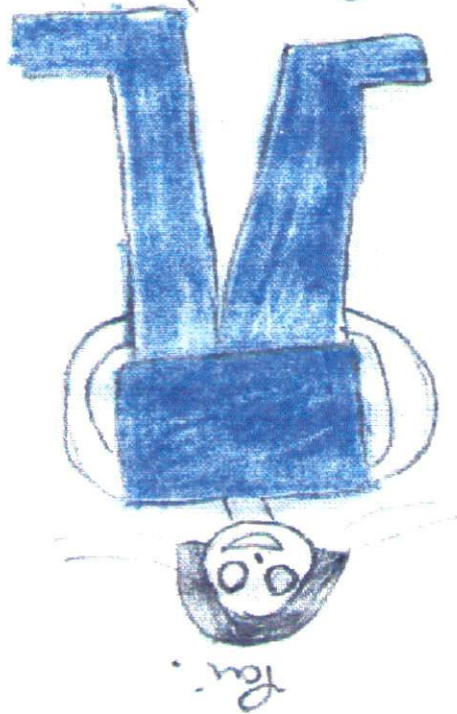
Vandadeine



Vandadeine



Vandadeine





uma paisagem



uma paisagem

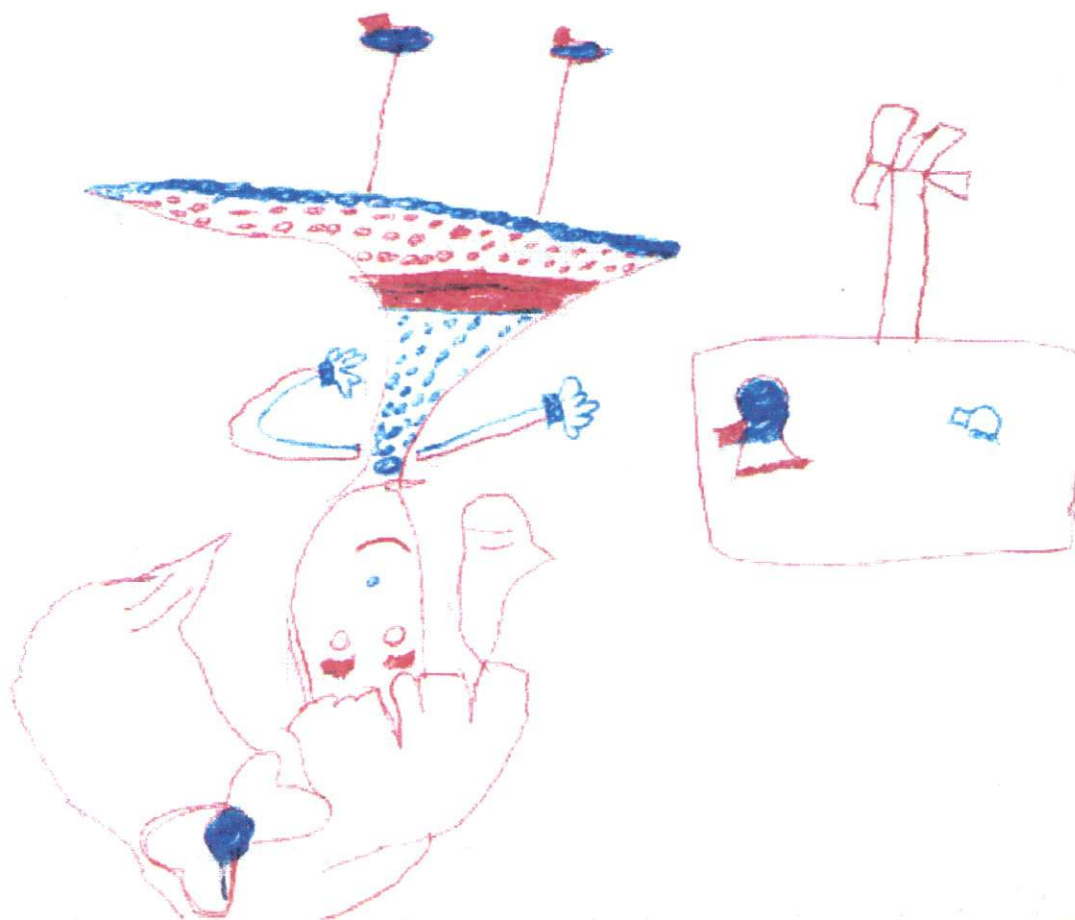
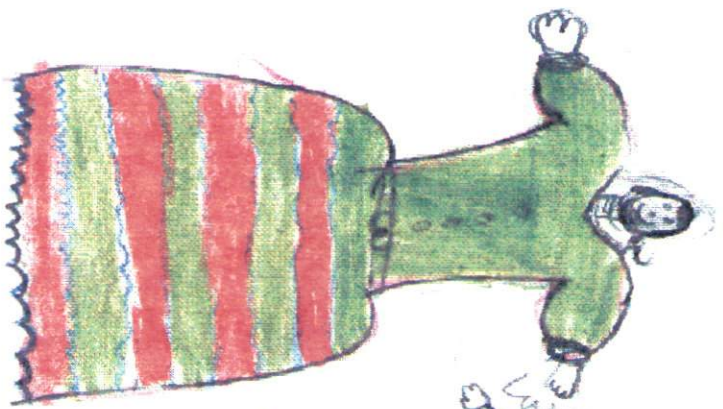
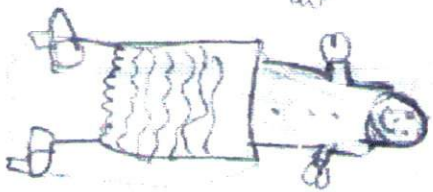
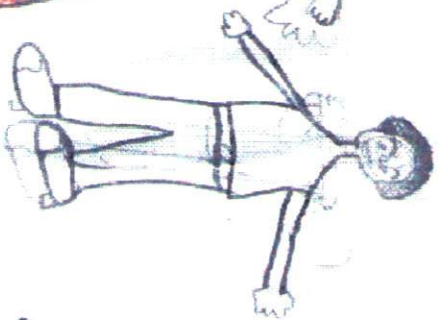


figura 4



meu vestido



o vestido que eu uso

Também me uso

a Pamela

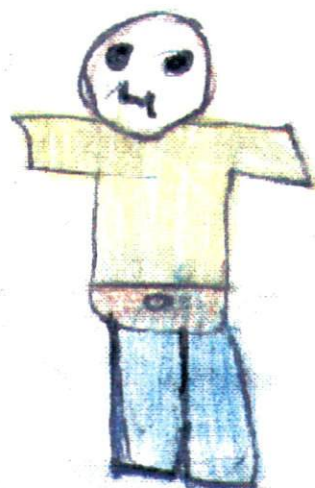
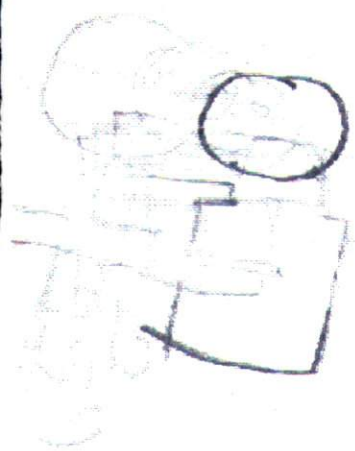
o meu mãe e bonito

de não suava e nem usa

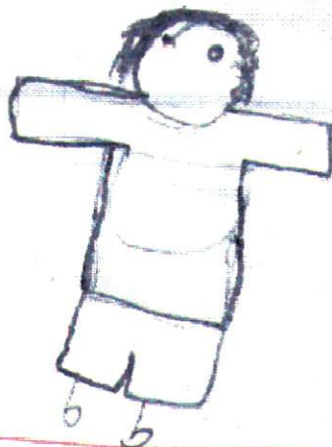
dega de meu pai não usa dega

a minha roupa

família



Mãe avó



pai avó



a. Minha avó é trabalhadora
e o meu pai é trabalhador.
Eu não gosto que briga com a minha
mãe



meu irmão e irmã
meus irmãos e irmãs

meu avô

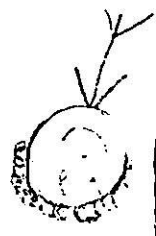
10 meu pai como a família
a 6 avô + vovó

A minha família

irmão



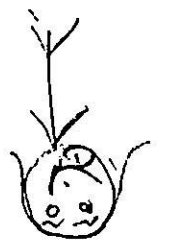
irmão



pai avó



irmão



A NOVELA



figura 7

17



8:

Yffordston

Se as coisas

fossem boas

coisa fosse pai eu queria fazer tudo por aqui
o andar e não falar " "

de acordo com a figura 10.

e o Diário pode ser usado para de todo, os segredos,
venturas, artes, alegrias, tristezas, imaginações, nós,
curiosidade, mistérios, coisas que.

matéria
para.



MEU DIÁRIO